

VER ATRÁS!

PHR 00788

SAÚDE

IDOSOS FAZEM EXERCÍCIO E SE DIVERTEM COM SESSÕES DE HIDROGINÁSTICA

5

NOCAUTE

DEPUTADOS DISTRITAIS DERUBARAM MAIORIA DOS VOTOS DE CRISTOVAM BUARQUE

7

CIDADES

CORREIO BRAZILIENSE

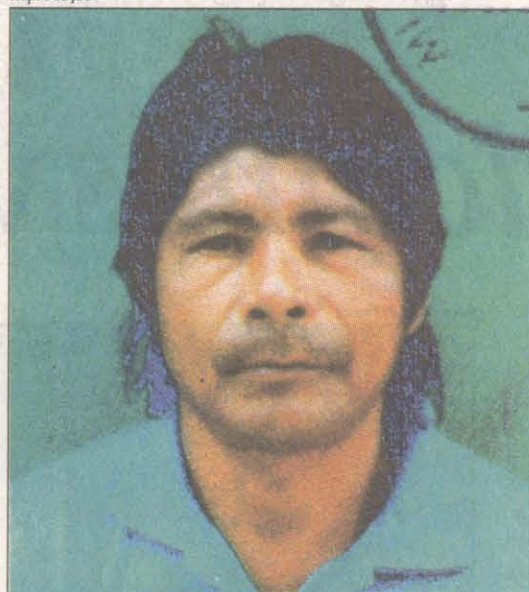
Brasília, domingo, 19 de abril de 1998



AMANHÃ FAZ UM ANO QUE CINCO RAPAZES ATEARAM FOGO A UM HOMEM QUE JULGAVAM SER MENDIGO. ERA UM ÍNDIO. HOJE, SÍMBOLO DA LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA EM BRASÍLIA

UM DIA PARA SER LEMBRADO

Reprodução



Galdino Jesus dos Santos teve 95% do corpo queimado. Os criminosos se defenderam dizendo que tudo não passou de uma brincadeira que fugiu ao controle

Amanhã completa um ano que cinco jovens de classe média, com dois litros de álcool, atearam fogo ao corpo do índio pataxó Hã-Hã-Hãe Galdino Jesus dos Santos, enquanto dormia no ponto de ônibus da 704 Sul. No dia seguinte, aniversário de Brasília, Galdino morreu com 95% do corpo queimado.

Os cinco rapazes se explicariam depois: "era uma brincadeira". Porque brincaram com gente e fogo, quatro deles recebem os parentes logo mais, para a visita de domingo no Núcleo de Custódia de Brasília. Tomás Oliveira de Almeida divide a cela com o primo, Eron Clóvis Chaves de Oliveira e os amigos, Antônio Novély Vilanova Cardoso e Max Rogério Alves. G.A. J, irmão de Tomás, desde setembro do ano passado está autorizado a cumprir sua punição em casa.

Um ano depois do crime, eles tiveram que se adaptar a uma rotina bem distante da vida que levavam antes. Com exceção do adolescente, que está vivendo em Pernambuco, os demais aguardam julgamento no Núcleo de Custódia, como presos comuns.

Índios e brasileiros ocupam hoje a Praça do Compromisso — nome dado ao lugar onde morreu Galdino — a partir das 9h, para a quarta manifestação, aquela que marca um ano da morte. Das outras vezes, ali aconteceram as cerimônias de luto e por duas vezes protestos contra decisões da Justiça. "O Brasil inteiro apóia a gente. Só essa justiça de Brasília é contra", diz Juvenal dos Santos, 69 anos, pai de Galdino.

Ronaldo de Oliveira 24.4.97



A cova onde foi enterrado Galdino Jesus dos Santos, na aldeia Caramuru-Catarina-Paraguassú, no sul da Bahia: revolta dos índios e indignação dos defensores dos direitos humanos

Em agosto, a juíza Sandra de Sanctis rejeitou a denúncia apresentada pela promotora Maria José Pereira. A Promotoria queria os quatro acusados submetidos a júri popular, por homicídio qualificado. Para Sanctis, tratou-se de lesões corporais seguida de morte. Em março deste ano, os desembargadores da 2ª Turma Crimi-

nal do Tribunal de Justiça confirmaram a decisão da juíza.

"Em lugar de se discutir questões técnicas e se ater à prova dos autos, o desembargador relator, Joazil Gardes, passou todo o tempo comparando a cobertura da imprensa ao caso com a turba que condenou Jesus Cristo", criticou a advogada Herilda

Balduino, que atua junto com a promotora na acusação.

O próximo passo do processo depende do Tribunal de Justiça. Promotora e advogados de acusação só podem recorrer contra a decisão dos desembargadores, — junto aos ministros do Superior Tribunal de Justiça (STJ) — quando o texto do julga-

mento de março estiver publicado no Diário Oficial do Judiciário. Até o momento, um mês e 14 dias depois, o material não foi impresso. Segundo a assessoria do TJDF, isto deve acontecer antes do final de abril.

Galdino deixou uma filha, Evanilisa, de 13 anos, que ele criou sozinho desde que se separou da primeira

mulher, Carmélia. "Sinto falta de meu pai em tudo", diz. Ela e outros índios da aldeia Caramuru-Catarina-Paraguassú, a 505 quilômetros ao sul de Salvador (BA), assistem hoje à missa pela memória do pataxó. Na terça-feira, outra manifestação. Desta vez pelo massacre das nações indígenas em conflitos de terra.

Caminhadas e debates pela paz

O assassinato de Galdino foi um alerta. Agora, a sociedade começa a reagir contra a violência. Três eventos vão marcar o domingo em Brasília. No Plano Piloto e em Taguatinga, com caminhadas. Em Ceilândia, com palestras e debates.

No eixo sul, a partir das 9h, na altura das quadras 104/105, vai ser realizada a grande caminhada pela paz em direção à Torre de Televisão. A caminhada é o lançamento oficial da Campanha Nacional Contra a Violência e pela Paz, que promete várias ações junto à comunidade para reduzir o índice de violência na cidade e depois em todo o país.

Estarão presentes na caminhada os familiares do índio Galdino e os moradores do edifício Palace II, que desabou no Rio de Janeiro, durante o carnaval. Os manifestantes se encontrarão com os participantes da caminhada Pró-Galdino, que sai às 9h da Praça do Compromisso, na 704/705 Sul, o lugar onde Galdino foi queimado.

Estão programados shows de dança, teatro, para-queda e trios elétricos para entreter os participan-

PARTICIPE

PLANO PILOTO

9h - Caminhada Pró Galdino, saindo da Praça do Compromisso, na 704/705 Sul, e se dirigindo ao Eixo Sul, onde se juntará à Caminhada pela Paz.

9h — Grande Caminhada pela Paz, saindo do Eixo Sul (altura da entrecruza 104/105) em direção à Torre de TV. Haverá shows de paraquedismo, dança e teatro, além da presença de um trio elétrico. Contato - 976-8929 e 321-0410, bip 6181323

TAGUATINGA

8h30 — Os moradores do setor M Norte fazem uma caminhada pela paz e contra a violência, saindo da EQNM 38/40. Maiores informações com Chício, do Comitê contra a Violência, pela Paz e pela Vida, fone 971-5334.

CEILÂNDIA

10h — Dia da paz na Ceilândia, marcado o galpão comunitário da EQNN 2/4.

tes. A festa, que conta com o apoio da UNESCO e da OAB-DF, entre ou-

tras entidades, vai contar com a participação dos artistas Oscar Magrini e Rachel Ripani.

Em Taguatinga, a partir das 8h30, a população do setor M-Norte vai sair às ruas em uma manifestação organizada pela comunidade católica da Paróquia Imaculada Conceição. A caminhada vai começar na igreja, localizada na EQNM 38/40.

Em Ceilândia, a campanha *Sou Ceilândia, Sou de Paz* promove um dia inteiro de debates e palestras sobre drogas e violência. Para envolver os moradores, os organizadores programaram atividades de lazer e saúde como a exibição de filmes, orientação sobre saúde, apresentações teatrais, jogos, festival do sorvete e sorteio de uma bicicleta.

Enquanto as crianças se divertem com recreações e com o festival de sorvete, os adultos poderão participar dos campeonatos de peteca, xadrez e dominó. À tarde vai haver um forró para a terceira idade. A campanha vai ser realizada hoje, a partir das 9h, no galpão comunitário da EQNM 2/4.

A VALMET coloca um ponto final nos juros altos!

JUROS DE APENAS 9,5% AO ANO, FIXOS EM REAIS



VALTRA VALMET

Concessionária Autorizada Braval Tratores Ltda.

Só para começar, a Valmet preparou para você um sistema de financiamento a juros de apenas 9,5% ao ano, fixos em reais, sem mais nenhuma taxa adicional ou outros índices de correção. As ofertas não param por aí! A linha média de Tratores Valmet está com preços super reduzidos. Além dessas incríveis promoções que a Valmet lhe preparou, não se esqueça que você ainda conta com as vantagens do CONSÓRCIO NACIONAL VALMET. Os consorciados contemplados na 3ª, 15ª e 27ª Assembléia, terão todas as suas prestações restantes quitadas pela Valmet.

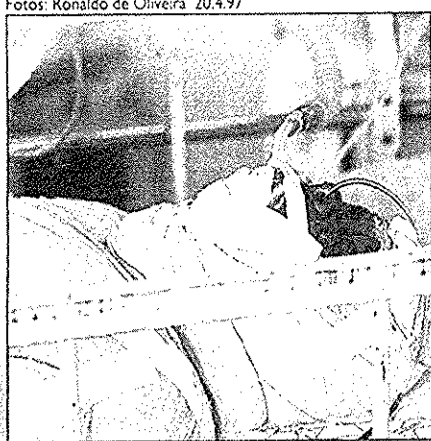
Completa linha de implementos Agrícola e Pecuária. Conjuntos de Fenação nacionais e importados

TELEFAX: 352-2898 CSD 06 LOTES 62/64 (Pistão Sul) TAGUATINGA - DF

* Financiamento sujeito aprovação cadastr. ** 20% de entrada + 3 parcelas anuais de acordo com Tabela Agrícola. Consórcio de 100 meses.

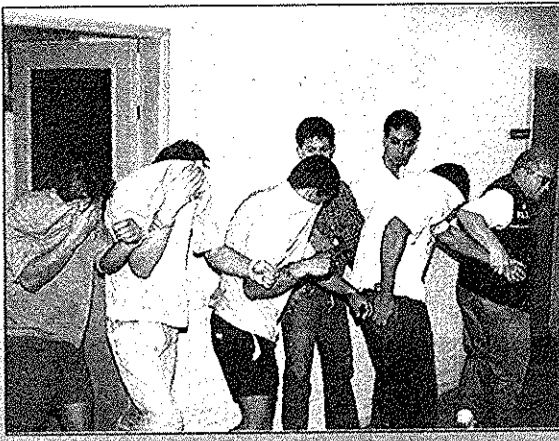
Entre 2h e 3h, os estudantes de classe média Max Rogério Alves, Antônio Novelty Vilanova Cardoso, os irmãos Tomás Oliveira de Almeida e G.A.J., 17 anos e o primo deles, Eron Clóvis de Oliveira, derramam dois litros de álcool e atearam fogo no homem que dormia no ponto de ônibus da 704/705 Sul. Era o índio Pataxó Hã-Hãe-Hãe, Galdino de Jesus, 44 anos. Os rapazes são presos no mesmo dia.

Fotos: Ronaldo de Oliveira 20.4.97



Galdino morre, de madrugada, no Hospital Regional da Asa Norte, vítima de queimaduras em 95% do seu corpo. Índios protestam em Brasília. No dia 22, durante o enterro de Galdino, na aldeia Caramuru-Catarina-Paraguassu, no município de Pau Brasil, os índios Pataxós mantêm o então presidente da Funai, Júlio Gaiger, como refém. Protestam contra a indefinição quanto à demarcação de suas terras na Região Sul da Bahia.

O crime provoca indignação em todo o Brasil e até no exterior. Os rapazes alegam que se tratou apenas de uma brincadeira. "Pensávamos que era um mendigo", disseram. Eles garantem que jogaram um produto inflamável para assustar o "mendigo", mas o fogo ficou fora de controle por causa de um cobertor inflamável.



Perícia feita nas vestes de Galdino não encontra qualquer vestígio de cobertor ou outra vestimenta inflamável. Os peritos concluem que a quantidade de substância jogada sobre o índio foi maior que a alegada pelos cinco rapazes.

Paulo de Araújo 24.97



No domingo, uma semana depois do assassinato de Galdino, dois mil brasileiros se vestem de branco para o protesto no lugar onde ele morreu. O Governo do Distrito Federal transforma o ponto de ônibus da 704/705 na Praça do Compromisso.

20-Abr-1997

21-Abr-1997

22-Abr-1997

23-Abr-1997

27-Abr-1997



DOS CINCO ASSASSINOS DE GALDINO, UM, ADOLESCENTE, ESTÁ MORANDO EM PERNAMBUCO. OS DEMAIS TIVERAM QUE APRENDER A VIVER ATRÁS DAS GRADES

Mauricinhos viram comédias na prisão

Deise Leobet
Da equipe do Correio

Para os cinco jovens que atearam fogo no índio pataxó Hã Hãe Galdino de Jesus dos Santos, o ano que passou foi marcado pela depressão, medo e stress.

Há 12 meses, os bem-nascidos adolescentes passavam a primeira noite da vida em uma prisão. Nada comparado à vida confortável de classe média, com direito a *esticas* quase que diárias aos barzinhos badalados da capital da República a que estavam acostumados.

Da primeira vez, dormiram em colchonetes em uma sala de reconhecimento da Coordenação de Polícia Especializada (CPE), fria e úmida, com cerca de 2,5 metros por 3 metros.

Como não havia banheiro, Max Rogério Alves, 19 anos, Eron Clóvis de Oliveira, 18 anos, Antônio Novelty Cardoso Vilanova, 19 anos, e Tomás Oliveira de Araújo, 19 anos, tiveram que urinar em uma garrafa de Coca-Cola.

O menor G.A.J., 16 anos, irmão de Tomás, foi encaminhado à Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA). "Mandem o filho do juiz pra cá", gritavam os presos. Antônio é filho do juiz Novelty Vilanova da Silva Reis, titular da 7ª Vara Federal.

No dia seguinte, foram transferidos ao superlotado Núcleo de Custódia de Brasília (NCB), com mais de 850 presos, e instalados na cela 1 do prédio da Colônia Penal Agrícola. A cela 1 foi apelidada pelos internos de *Seguro de Vida*, pois fica ao lado da sala de controle, onde há vigilância 24 horas.

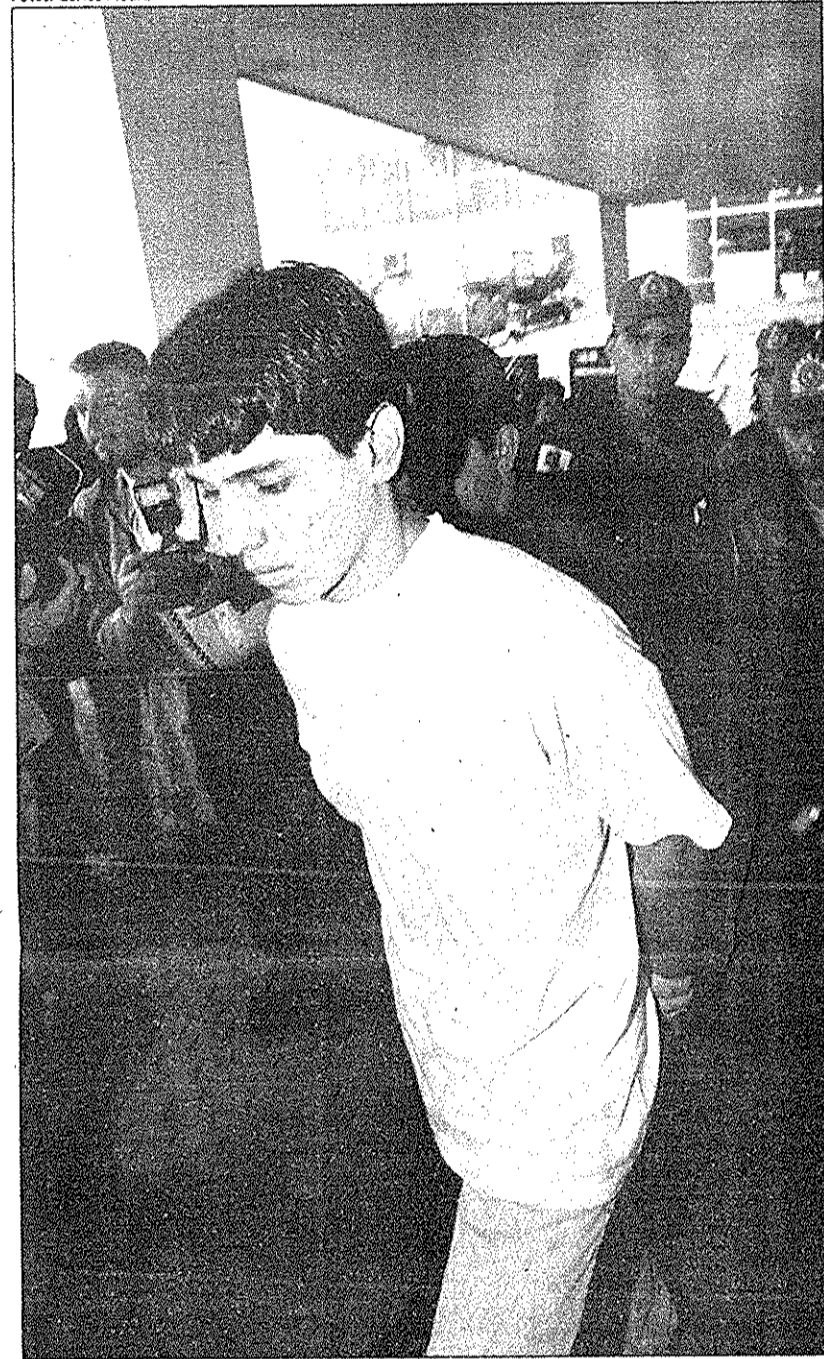
Os quatro entraram na cela cabibaxos e não disseram uma única palavra. "Estavam muito amedrontados", contou um dos policiais que estava de plantão naquele dia.

Logo depois do toque de recolher, às 22h, os presos mais antigos deram as boas-vindas aos *pregos*, que na gíria dos presidiários quer dizer novatos.

"O prego, vai passando o tênis aí", gritou um preso da cela ao final do corredor, em tom de ameaça. "Eu vou querer a camisa", disse o outro. Assustados, nenhum deles hesitou. Aos poucos, foram passando as peças de roupa, enquanto os outros presos, de mão em mão, as distribuíam.

Urinar em garrafa de Coca-Cola e dormir embalados ao som das ameaças dos internos marcaram os primeiros momentos de uma experiência nada agradável. "Eles tiveram muito tempo para refletir sobre a brincadeira de mau gosto que fizeram", disse Heraldo Pauperio, advogado de Antônio Novelty. Hoje, todos, um ano mais velhos, afirmam que estão regenerados e arrependidos. Frase repetida por qualquer condenado. Dois deles foram buscar consolo nas páginas da bíblia,

Foto: Carlos Moura



Eron, primo de Tomás e G., estuda o Velho Testamento e quer ser monge

fato rotineiro nas prisões. "O Tomás e o Eron passaram todo esse tempo estudando o Velho e o Novo Testamento", disse o advogado dos dois, Raul Livino, que também representa G.A.J., irmão de Tomás. "Ambos meditaram muito e estão transformados".

TODOS SE DIZEM REABILITADOS

Tomás virou luterano e agora frequenta os cultos evangélicos realizados semanalmente na cadeia. Disse ao advogado que, quando estiver em liberdade, quer trabalhar com órfãos e fundar uma instituição de assistência a mendigos. Já Eron, que também é primo de Tomás, pretende cursar Teologia e virar monge beneditino.

Max quer ser economista. No ano passado, foi aprovado no vestibular de Economia da Universidade Ca-

tólica. Dos 62 presidiários que presertaram os exames, ele foi um dos cinco que passou. Como está preso, não teve outra opção a não ser trancar a matrícula.

Antônio Novelty ainda não tomou nenhuma decisão sobre o futuro. Mas deu algumas indicações ao seu advogado, de que estaria interessado em cursar Direito.

O menor G.A.J. passou quatro meses no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje). Livino, que também representa o menor, conseguiu progressão da medida, e J. foi beneficiado com liberdade assistida. Há seis meses, foi com a mãe morar no Recife, Pernambuco.

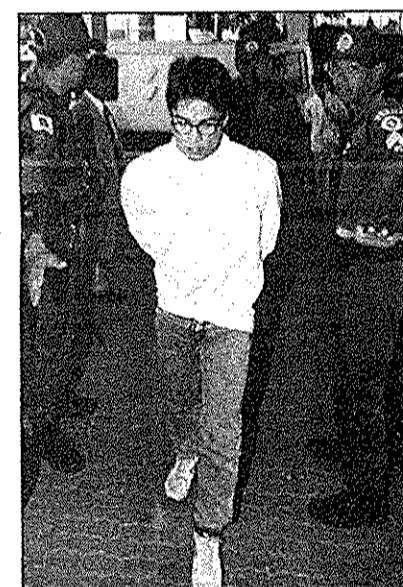
Na capital pernambucana, voltou a estudar e agora aguarda uma decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ) sobre a prestação de serviços à comunidade.

Orientados pelos advogados, os quatro, a exemplo dos familiares, se recusam a dar entrevista. Fizeram um pacto de silêncio. "Eles tremem

Raimundo Paccó



Antônio Novelty Vilanova, filho de juiz, é discriminado pelos demais presos



Tomás se converteu na prisão e abraçou a religião luterana



Max, aprovado no curso de Economia na Faculdade Católica, não obteve autorização para estudar

só de ouvir falar na imprensa", disse Heraldo Pauperio. "O Fantástico veio até aqui, mas eles se recusaram a abrir a boca".

No presídio, os quatro são conhecidos por *comédias*, que, na gíria dos internos, quer dizer presos de bom comportamento. Carcereiros e direção do presídio são unânimes ao afirmar que os quatro são pacatos, calmos e disciplinados.

Nos quatro primeiros meses, dividiram juntos a cela 1. Por medida de segurança, não ficavam com os outros presos nem mesmo nos dois banhos de sol diários, sempre das 9h às 11h e das 14h às 17h. Quando dava tempo, eram levados ao pátio por alguns minutos, quando os outros almoçavam.

Curso de inglês, informática, aulas de natação, modos refinados (comparados aos dos outros internos) e a pintura de *mauricinhos* de nada adiantaram na prisão. Pelo contrário.

Tinham dificuldades para entender o linguajar usado pelos outros presos.

Acabaram pedindo ajuda a Francisco Rivellino, 26 anos, condenado pelo assassinato do estudante Marco Antônio de Velasco e Pontes, de 16 anos de idade. Marquinho foi espancado até a morte por integrantes da gangue Falange Satânica, da 405/406 Norte, em 10 de agosto de 1993.

Rivellino é filho de um zelador de bloco da Asa Norte. "Eles pediram para que eu traduzisse as gírias da cadeia, porque não estavam entendendo nada", contou Rivellino. "A mãe de um deles também veio me procurar para que eu os ajudasse e até me pediu desculpas, porque quando aconteceu comigo ela me condenou".

O stress e a depressão tomaram conta deles ainda no primeiro mês. Raramente falavam, inclusive entre eles. As famílias providenciaram tratamento psicológico para os quatro, o que é permitido pela Lei de Execuções Penais. Tomás e Eron continuam recebendo semanalmente a visita de uma psicóloga.

A direção do presídio garante que eles não têm nenhum privilégio em relação aos outros presos. Dormem em celas iguais e comem da mesma comida. A *xepa* ou *quentinha* não agradava aos paladares dos garotos, acostumados com comida caseira ou de restaurantes. Todos perderam em média cinco quilos.

"A comida é tão ruim que o Max emagreceu seis quilos, no mínimo", disse Walter Medeiros, advogado de Max e ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral. Medeiros também é padrastró dele. "A vida lá é terrível".

TEMPO PARA SE ADAPTAR

Na prisão, tiveram que se adequar a uma vida de disciplina. Acordar todas as manhãs às 6h, tomar café-da-manhã às 7h, cumprir com a tarefa do dia em ponto, alocar o meio-dia, voltar ao trabalho ou re-

tornar à cela e pacientemente esperar as horas passarem. As longas noites no Gilberto Salomão deram lugar a noites solitárias, onde o toque de silêncio acontece sempre às 22h.

Aos poucos, eles foram se acostumando à rotina do lugar. Aguardam com ansiedade a visita de amigos e parentes aos sábados, sempre das 11h30 às 16h. Nos rápidos encontros com familiares, não há privacidade. E ocorrem no meio de outras 200 pessoas.

A mãe de Max, Maria Conceição, aproveita as visitas para levar frutas, biscoitos e chocolates ao filho, além de um punhado de revistas e livros. Ela é obrigada a dividir o tempo com a antiga namorada do rapaz, Carla Montenegro, 17 anos. Quando está sozinho, o maior passatempo dele é ouvir rádio. "Bica ali o dia inteiro ouvindo a (rádio) CBN", disse o padrastró.

Tomás e Eron também mantiveram, as namoradas, segundo o advogado deles, e recebem normalmente as visitas dos pais.

Novely é o único que recebe visita às sextas-feiras. Como o pai é juiz, a direção do presídio concordou que ele visitasse o filho em separado, para evitar problemas com os outros presos.

Natal, Páscoa, aniversários, todos foram comemorados entre as quatro paredes da prisão. Mas tiveram o cuidado de nunca reclamar aos outros internos.

O mesmo fizeram em relação à falta de conforto das celas, que em nada lembram os apartamentos que viviam. Desde agosto passado, quando foram transferidos para celas com capacidade para dois internos, eles vivem em uma área de 2,8 metros por 1,6 metros, com paredes brancas e grades azuis.

A mobília consiste em um beliche, com duas camas de cimento, um banheiro com vaso sanitário e chuveiro sem eletricidade, além de uma pequena estante para guardarem os pertences. Cada preso tem direito a manter apenas quatro mudas de roupa, um sapato e uma sandália.

Tomás e Eron dividem uma cela ao lado da de Max e Antônio. Ambas localizadas na ala E do prédio Colônia Penal.

Apesar de trabalhar ser opcional para os presos provisórios, todos fizeram questão de executar alguma tarefa. Max, que tem curso de digitador e trabalhava no escritório do padrastró até ser preso, tem auxiliado em alguns serviços administrativos.

Tomás, Eron e Antônio se intercalam no almoxarifado e no depósito das cantinas. Carregam caixas de mantimentos e de refrigerantes de um refeitório para o outro.

Nos horários de folga, dedicam-se à leitura. Nos finais de semana, jogam futebol de salão na quadra poliesportiva do presídio.

A rotina da prisão se acostumaram. Mas são poucas as pessoas que esqueceram o crime que eles próprios confessaram ter cometido. Tanto que, quando estudantes visitam a cadeia, a pergunta ao diretor é sempre a mesma: "Onde estão os meninos que mataram o índio Galdino?"

Maratona 98.
Diversão é saúde.

Apoio:

indaiá

Mate a sua sede de vitória.

VIII MARATONA BRASÍLIA
21 de abril

COOPED COOPERATIVA DE EDUCADORES

TEMOS OS INSTRUCTORES MAIS QUALIFICADOS E ATUANTES DO MERCADO PARA TODAS AS DISCIPLINAS.

- INFORMÁTICA
- ADMINISTRAÇÃO
- HOTELARIA
- INGLÊS
- HB, H6
- SAÚDE e OUTROS.

SE VOCÊ VAI MINISTRAR CURSOS DO **FAT**

SE NECESSITA DE PROFESSORES / INTRUTORES, FAÇA COMO:

SENAC, SITE INFORM. IEPI E OUTROS

CONHEÇA-NOS

225 9366 - 224 5200

Acusados prestam seu primeiro depoimento à Justiça. Todos eles repetem no Tribunal de Justiça (TJDF) que se inspiraram nas "pegadinhas", brincadeiras grotescas ensinadas em programas de televisão. Os quatro maiores negam que G.A.J tenha participado diretamente do crime. A mãe de Galdino, Minervina (foto), vem com a família a Brasília acompanhar cada parte do processo.

Glaucio Dettmar 5.03.98



Testemunhas da defesa, 28 ao todo, depõem no TJDF. Elogiam os cinco rapazes. Entre elas, o mestre de obras, Clério Gomes Silva, 69 anos, ex-policia civil expulso da instituição. Depois a promotora Maria José demonstra, com as provas da perícia, que Clério — amigo do pai de Eron, Eronivaldo Oliveira — mentiu ao dizer que Galdino estaria enrolado com um cobertor.

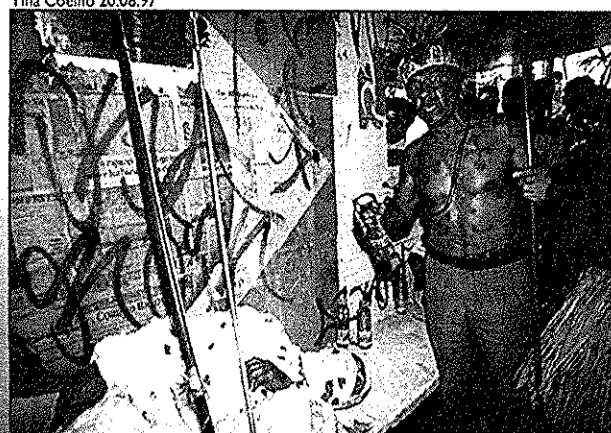
Volta ao Tribunal a juíza Sandra de Sanctis (foto), substituída no início do processo por Leila Cury. Sanctis desclassifica a acusação da Promotoria. Ela rejeita a denúncia de homicídio triplamente qualificado, crime hediondo, sujeito a juri popular. E determina que os quatro sejam julgados por lesão corporal seguida de morte, cujo tempo de prisão é três vezes menor e os réus não se submetem aos jurados. A Promotoria apela.

André Corrêa 19.08.97



Novamente por decisão unânime dos desembargadores da 2ª Turma Criminal do TJDF, o recurso da acusação é rejeitado. Fica mantida a sentença da juíza Sanctis: não se trata de homicídio mas do crime de lesão corporal seguida de morte.

Tina Colôho 20.08.97



Pais, a filha e os familiares de Galdino se unem a outras tribos indígenas em protesto com fogo e choro na Praça do Compromisso. Eles querem marcar sua indignação contra a decisão da juíza Sanctis. O presidente Fernando Henrique recebe os Pataxós em audiência.

20-Mai-1997

8-Jun-1997

12-Agos-1997

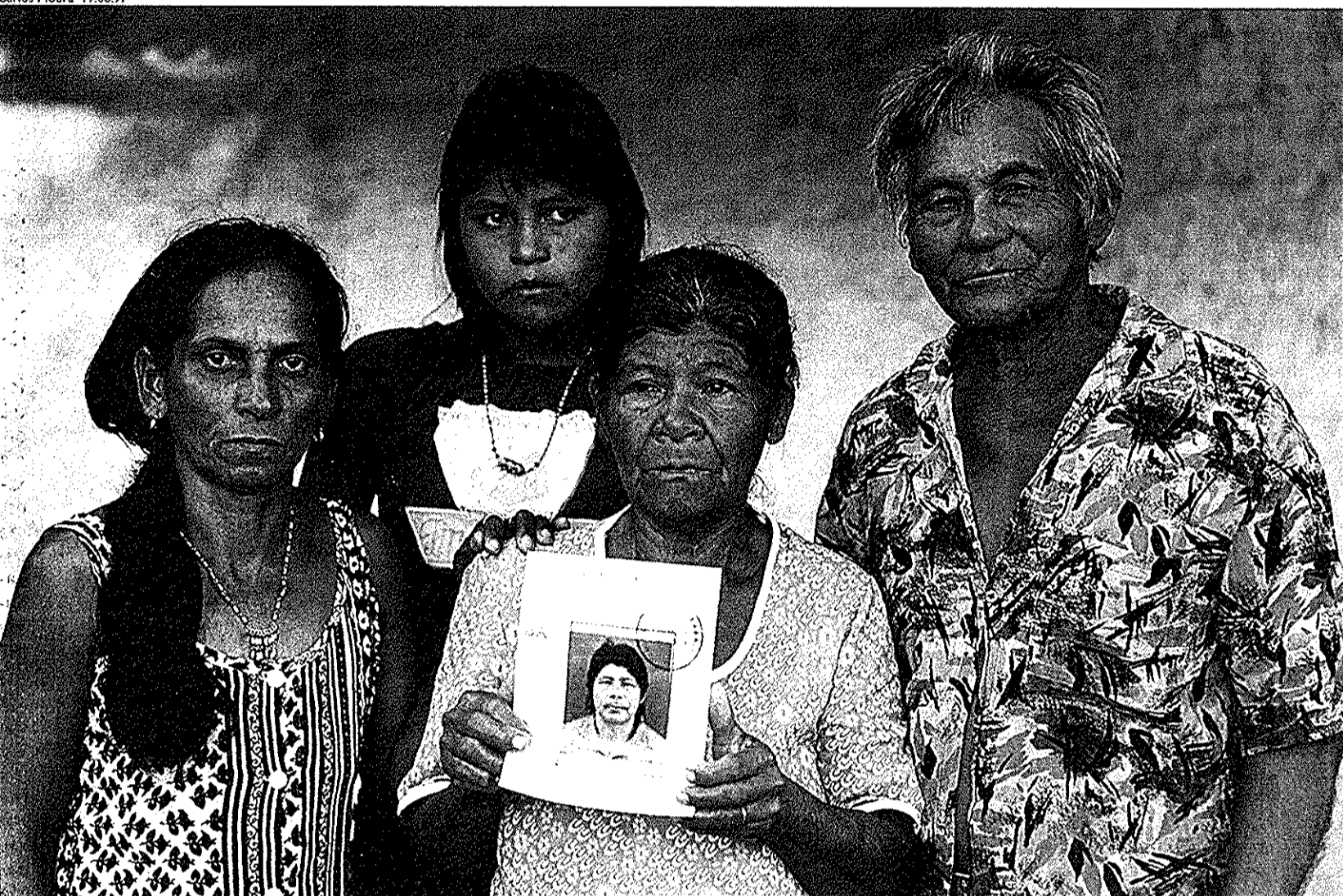
5-Mar-1998

20-Agos-1998



A FILHA, EVANILSA, AINDA NÃO SE RECUPEROU DA PERDA DO PAI QUE TAMBÉM ERA MÃE. O TIO, O CACIQUE DA TRIBO, TAMBÉM MORRERA ASSASSINADO

Carlos Moura 19.08.97



Genilda, a mulher; Evanilsa, a filha; Minervina, a mãe; e Juvenal, o pai. Um ano depois, a madrasta abandonou a menina e os avós ainda choram Galdino

ENTREVISTA/Evanilsa, 12 anos, filha de Galdino

"Meu pai era pai e mãe. Sei que ninguém pode ficar no lugar dele"

Correio Braziliense — *Você estuda?*

Evanilsa de Jesus dos Santos — Estudo. Mas leio pouco. Meu pai também lia pouco. Estou na 2ª série da Escola Indígena Caramuru, aqui na aldeia mesmo. A escola fica perto da casa da vovó.

Correio — *O que você quer ser quando crescer?*

Evanilsa — Professora ou diretora da escola. Meu pai falava que pessoa importante é professora ou diretora.

Correio — *Com quem você vive depois que ele morreu?*

Evanilsa — A casa que era dele, a mulher dele, Geni, vendeu e não me deu nada. Eu quis morar com minha tia Magnólia, tia do meu pai. Podia ficar com vovó mas quis ficar com tia.

Correio — *Por que você não foi morar com sua mãe?*

Evanilsa — Porque meu pai era mais do que uma mãe. Era pai e mãe. E eu sei que ninguém pode ficar no lugar dele. Minha mãe vive aqui, na mesma área. Mas agora que eu não te-

nho ele, também não quero ninguém para botar no lugar.

Correio — *Seu pai te criou desde bebezinho, sem mulher. O que é que você aprendeu com ele?*

Evanilsa — Aprendi varrer casa, lavar prato, fazer comida. Às vezes ia com ele na roça. Ele era muito trabalhador: fazia roça de milho, feijão.

Correio — *Ele te levava para passear?*

Evanilsa — Levou. Na cidade do Tororó e do São José, mas tudo cidade pequeninha.

Correio — *E seu pai, gostava de fazer o quê?*

Evanilsa — Trabalhar. Televisão não gostava, nem via. Música, só algumas. Pouca coisa.

Correio — *O que é que você queria que acontecesse com estes rapazes que mataram seu pai?*

Evanilsa — Eu queria que eles morressem queimados do mesmo jeito. Para pagar o que eles fizeram com painho.

Galdino era sobrevivente da miséria

Ana Júlia Pinheiro
Da equipe do Correio

Galdino de Jesus Santos, segundo filho do casal Juvenal e Minervina Santos, sobreviveu às doenças da infância que mataram 10 dos seus 21 irmãos. "Uns morrem de 'Mal de Sete Dias'. Os outros de doença. Dava os remédios, mas não vingavam", conta dona Minervina. "Dos 11 filhos criados, mataram dois". E as terras indígenas, de alguma forma, passam pela vida e morte de Galdino e do irmão dele, João Cravim.

Cravim, cacique da tribo, morreu de emboscada a golpes de facão, em 1988. O inquérito policial não foi para frente, nem para trás. A polícia baiana nada fez para saber quem matou o índio. "Foi morto a mando de fazendeiro", repetem os Pataxós, com algum fundamento. Eles sempre levaram a pior na guerra com criadores de gado.

O que trouxe Galdino a Brasília também foram as terras. Ele visitou o Supremo Tribunal Federal (STF) em companhia de outros Pataxós-Hã-Hã-Hã para pedir agilidade no trâmite da Ação de Reintegração de Posse, impetrada em favor dos índios pela Funai há 15 anos. Era sua segunda visita à cidade. Da primeira vez, o assunto percorreu os mesmos tribunais, em busca das mesmas coisas.

Dos 36 mil hectares que os Pa-

taxós Hã-Hã-Hã têm direito desde 1927, a tribo ocupa mil e poucos hectares. O restante da área ficou para os fazendeiros, autorizados pelo governo da Bahia a tomar posse de pedaços da terra desde 1936. A parte que cabe aos índios fica longe das nascentes e dos rios. Para a homenagem a Galdino terça-feira, na tribo, os organizadores do Comitê Pró Pataxós escreveram no convite: "Tragam almoço e água".

Conselheiro, terceiro cargo na hierarquia da tribo, depois de cacique e pajé, Galdino representava a aldeia em Brasília. Nem passou pelo STF. Morreu antes da audiência. Suas atividades na capital se limitaram a participar da Marcha dos Sem-Terra e das comemorações do Dia do Índio.

Na volta para o pensionato, a morte esperava Galdino. A pensão de Vera Morelli, na 703 Sul, estava com as portas fechadas. Ele, que mal sabia andar em Brasília, esperou a noite passar dormindo no banco do ponto de ônibus mais próximo. Os cinco filhos da classe média procuravam alguém assim, ao relento, para praticar a "pegadinha" do álcool.

FILHA

Neste ir e vir pela capital, Galdino achou tempo para comprar um par de sandálias emborrachadas, tipo *Havaianas*, que levaria

para a filha Evanilsa, criada por ele, sem ajuda de ninguém desde os dois anos de idade. A cor combinaria com outro presente, o último que a menina recebeu, uma camisa verde. "Eu também tive bonecas", lembra ela.

Evanilsa morava com Galdino desde que se separou da primeira mulher, a mãe dela, a índia Carmelita. Ele queria, além da filha mais velha, a guarda do segundo bebê, outra menina, Taite. A ex-mulher, grávida pela terceira vez, recusou-se a fazer o acordo.

Antes de ir para a lavoura de milho, feijão e mandioca, Galdino jogava o bebê na cestinha de palha, como fazem as índias. Evanilsa aprendeu cedo que deveria ajudar o pai nos cuidados com a casa. Depois que ele morreu, continuou com os mesmos rituais. "Botava a janta e ficava esperando", diz.

A mãe e as irmãs de Galdino dizem que, por causa de Evanilsa, Galdino mantinha seus relacionamentos amorosos longe de casa. "Como é que ia casar se tudo quanto é mulher queria maltratar a menina?", diz dona Minervina.

Há dois anos, ele, um quarentão, conheceu Geni, mãe de quatro filhos do primeiro casamento. Parecia a madrasta ideal até mostrar seu outro lado, tão logo se tornou viúva. Geni seguiu com sua prole, deixou Evanilsa pelo caminho.

Júri pode ser em agosto

A decisão judicial de classificar o assassinato de Galdino como lesão corporal seguida de morte — e não como homicídio qualificado — pode ser a diferença entre a cadeia e a liberdade para os quatro acusados do crime. Se acatada a tese de homicídio, os quatro seriam julgados por sete jurados e cumpririam dois terços da pena em regime fechado. Para lesões corporais, no máximo 12 — e não 30 anos — de prisão. Se condenados, eles só permanecerão um sexto da pena na cadeia. E o restante do período no regime aberto ou semi-aberto. Até o julgamento, que deve ocorrer em agosto ou um pouco depois, os acusados estariam praticamente livres, porque terão cumprido um sexto da pena.

Maratona 98.

Aqui você vai longe.

Apio:

ParkShopping * Conjunto Nacional * Brazil Shopping * Alameda Shopping * 504 Sul

Tênis Asics
Gel Jay Hawk
Especialmente para os maratonistas.

Maratona Brasília versão Light.

Não é por falta de fôlego que você vai ficar de fora dessa emoção.



5 *Corrida de*
Km

Para participar da 8ª Maratona Brasília, você não precisa ser nenhum superatleta, recordista mundial ou ter um grande patrocinador. Na verdade, você nem precisa de fôlego para os 42km. Participe da *Corrida de 5km*. Entre nessa festa correndo dentro dos seus limites. Faça sua inscrição de 13 a 20 de abril, na Ala Norte do Conjunto Nacional. Participe! No aniversário de Brasília, a festa da Maratona é toda sua.

Taxa de inscrição com direito a camiseta: R\$ 5,00
Informações: (061) 342-1210

Patrocínio:

Banco de Brasília BRB

Realização:

CORREIO BRAZILIENSE